



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

Carla Santos da Silva

Práticas de cura na cidade de Jacobina – Bahia: uma análise sobre a  
atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento

Jacobina – Bahia, 2022



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

Carla Santos da Silva

Práticas de cura na cidade de Jacobina – Bahia: uma análise sobre a atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau acadêmico de licenciatura em História, na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciência Humanas, Campus IV – Jacobina.

Orientação: Profa. Dra. Elisangela Oliveira Ferreira

Jacobina – Bahia, 2022



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

Carla Santos da Silva

Práticas de cura na cidade de Jacobina – Bahia: uma análise sobre a  
atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Elisângela Oliveira Ferreira (UNEB/Campus IV) – Orientadora

Profa. Dra. Marilécia Oliveira Santos (UNEB/Campus II) – Examinadora

Prof. Dr. Thiago Machado de Lima (UFRB e UNEB/Campus IV) – Examinador

Jacobina – Bahia, 2022

## Práticas de cura na cidade de Jacobina – Bahia: uma análise sobre a atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento

### **Resumo**

O presente artigo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tem como objetivo analisar a atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento na cidade de Jacobina – Bahia. Através de sua atuação, iniciada nos anos de 1970, pode-se compreender aspectos da prática de benzeção e seu papel na sociedade jacobinense. Tomamos como fonte principal investigativa as entrevistas orais realizadas com o referido benzedeiro e alguns moradores da localidade e para tratar da análise dessas fontes nos balizamos em autores que trabalham com história oral, bem como dialogamos com a historiografia sobre práticas de cura. Juntamente com nossa personagem principal, foram entrevistados moradores da comunidade, provenientes de religiões diferentes, além de outro agente de cura. Os depoimentos desses sujeitos são fontes fundamentais para a estrutura desta pesquisa, posto que nos relatos demonstram-se elementos da vida de cada um e de suas visões sobre práticas de cura e benzeção.

**Palavras-chave:** Jacobina; Religiosidade; Práticas de cura; Benzeção

### **Abstract**

The present article, presented as a Final Coursework (TCC), aims to analyze the role of Jucivaldo Francelino do Nascimento, a traditional healer in the city of Jacobina – Bahia. Through his work, which began in the 1970s, we can understand aspects of the practice of benediction and its role in Jacobina's society. We took as our main investigative source the oral interviews conducted with the referred folk healer and some local residents, and to deal with the analysis of these sources we based ourselves on authors who work with oral history, as well as in dialogue with the historiography on healing practices. Together with our the community from different religions, as well as another healing agent. The statements of these subjects are fundamental sources for the structure of this research, since the accounts show elements of the life of each one and their views on healing practices and benediction.

**Keywords:** Jacobina; Religiosity; Healing Practices; Blessing.

## **Introdução**

Ao analisar a atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento na cidade de Jacobina buscamos compreender, através da investigação de sua trajetória, os aspectos da prática de benzeção e sua inserção na sociedade jacobinense, as relações entre o saber médico oficial e a medicina popular e como essa prática provoca a memória social da população. Localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, na Bahia, o município de Jacobina possui uma população de mais de 80 mil habitantes e fica distante da capital, Salvador, cerca de 330 km. Jucivaldo Francelino do Nascimento chegou à localidade no fim dos anos 1970 e começou a atuar tanto na perspectiva de buscar desenvolver uma prática religiosa ligada à cura, quanto no trabalho formal na cidade, onde é funcionário público do setor de limpeza urbana.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir de um corpus documental formado por entrevistas orais realizadas com moradores da cidade de Jacobina, assim como a personagem principal dessa investigação, o benzedeiro e curador Jucivaldo Francelino do Nascimento. Ao todo, realizou-se um total de cinco entrevistas com pessoas que professam religiões distintas no intuito de compreender melhor a concepção de cada uma delas sobre as práticas de benzeção e cura. Desse modo, esta pesquisa é um pequeno recorte sobre a prática de cura e benzeção, através dos depoimentos de dois agentes de cura, outras pessoas de religiões distintas, assim como de um padre.

O artigo se operacionaliza em três momentos que estão interligados: primeiro, foi feita uma análise sobre as práticas de cura e benzeção como objeto de estudo da história. Em seguida, analisou-se aspectos da trajetória do nosso protagonista através de suas narrativas, trazendo como complemento de análise as narrativas de outro agente de cura, um pai de santo, que também exerce a função de benzer. Por fim, examinou-se as entrevistas realizadas com pessoas de diferentes religiões, observando suas concepções sobre cura e benzeção. As questões eram as mesmas para cada entrevistado, porém respondiam de acordo seus conhecimentos e concepções.

Mesmo com o avanço da medicina e com discursos negativos contra a benzeção, entendida como prática de cura, ela ainda resiste e tem alcance na sociedade brasileira. Além disso, muitos trabalhos acadêmicos vêm sendo produzidos com o intuito de compreender esse tipo de prática. Do ponto de vista deste trabalho, cabe afirmar que o interesse pela construção da pesquisa remonta a uma questão pessoal, às memórias da

minha infância. Quando criança, por volta dos 10 anos de idade, sempre observava minha avó materna, Maria Luíza de Jesus, rezar e benzer crianças. Suas rezas sempre tinham como finalidade tirar o mau-olhado<sup>1</sup>, “quebrantos” entre outras enfermidades. Minha avó, como outras benzedoras, curandeiras e rezadeiras, é lembrada pela comunidade devido a seu trabalho social, pois não cobrava por suas ações de fazer o bem. Assim como outros agentes, minha avó também usava galhos verdes como arruda e outros ramos para rezar. Por ser bem conhecida em sua rua, a mesma era benquista e respeitada por todos da comunidade. As mães tinham a confiança de procurá-la antes de levar a criança ao médico, porque acreditavam na resolução através de sua reza. Portanto, meu incentivo de pesquisa histórica partiu de uma experiência observatória familiar e o meu interesse de pesquisa se deu principalmente através das discussões em sala de aula, a partir da disciplina de África, com as explicações da professora Jacimara Santana.

No desenvolvimento da pesquisa realizamos leituras sobre história e memória e a metodologia da história oral, utilizando autores como Michel Pollak, Lucília de Almeida Neves Delgado, Verena Alberti, Paul Thompson, Jacques Le Goff, dentre outros. O uso do método da história oral é fundamental para que possamos compreender e conhecer a história do benzedor e curandeiro e a sua relação com a comunidade. O relato de vida de pessoas que contribuem juntamente com a história oral com seu testemunho, resgatando suas experiências vividas e auxiliando para que sejam lembradas e valorizadas na sociedade por meio da oralidade. Para Paul Thompson, a história oral pode contribuir na colaboração para recuperar a memória nacional, apresentando-se como uma metodologia favorável para estudos em áreas distintas. “É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.<sup>2</sup>

Em se tratando da relação entre história e memória, Jacques Le Goff diz: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. O autor argumenta ainda que devemos trabalhar de forma a que “a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.<sup>3</sup> Michel Pollack, por sua vez, diz:

---

<sup>1</sup> O mau olhado é entendido como o arremesso de energias negativas aos indivíduos; geralmente é uma enfermidade provocada pelos ciúmes e inveja. Os sintomas são: malevolência, bocejos constantes e cansaço corporal.

<sup>2</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: UNICAMP, 1992, p. 477.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.<sup>4</sup>

Pollack insiste que a memória não é somente individual, mas seletiva, coletiva, flutuante, mutável, destacando que, em grande parte da memória, há marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. No entanto, o homem, através da memória, pode construir a sua história de vida tanto individual como coletiva, conforme as lembranças, pois as informações essenciais que marcaram a vida é que serão guardadas para o presente. Assim, todas essas características apontadas pelo autor reforçam a importância da memória na construção da identidade do homem sendo individual ou em comunidade. É entendido que através da memória e da identidade encontramos nossas recordações que passam por transformações de acordo com o tempo, que também dependendo de como as valorizamos permanecerão lembradas.<sup>5</sup>

Lucília de Almeida Delgado ensina que “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. A autora argumenta que as “narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações”. Na sua concepção, “História e narrativa”, e da mesma forma a “História e memória”, se alimentam; uma dá suporte à outra.<sup>6</sup>

A história oral, entendida como metodologia de pesquisa, possibilita dar voz aos excluídos dos documentos oficiais; trabalhando com temáticas da vida cotidiana, a autonomia concedida às fontes orais possibilita entendê-las não mais enquanto complementos aos documentos escritos. Verena Alberti denomina a história oral como uma técnica de aprendizado e de constituição de fonte para o estudo da história atual que surgiu na metade do século XX, após a invenção do gravador de fita. A autora argumenta que trabalhar com a história oral pode apresentar-se como a organização da memória; e a

---

<sup>4</sup> POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992, p. 5. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>, acesso em 20 jun. 2022.

<sup>5</sup> POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 2-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>, acesso em 20 jun. 2022.

<sup>6</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6 (2003) p. 9-25, p. 23. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>, acesso em 20 jun. 2022.

finalidade “contínua” de um entendimento da memória, por sua vez, é fundamental para a população, “porque está atrelada à construção de sua identidade”.<sup>7</sup>

Trabalhar com a história oral é resgatar do passado os acontecimentos que marcaram uma história de vida podendo ser de uma pessoa ou de uma comunidade. Através dos depoimentos dos entrevistados no presente trabalho de pesquisa, percebe-se que cada um, ao relatar suas concepções sobre as práticas de cura e benzeção, se vivenciaram ou ouviram falar, esses moradores que narram interpretam suas visões. Desta forma, cada personagem acaba por si criando sua história de vida como forma de contar a história através da oralidade.

### **Práticas de cura e benzeção como objeto de estudo da história**

Surgindo ainda durante o período colonial no Brasil, juntamente com o aparecimento de outras práticas religiosas, muitas pessoas consideravam e consideram ainda hoje o ato de benzer como bruxaria, rituais, misticismo. Apesar do preconceito e perseguição, a benzeção se fez como uma prática cultural que se expandiu em várias regiões do interior do Brasil como necessidade das pessoas que eram reféns das epidemias e tinham dificuldades de conseguir a superação da doença, visto que não havia forma de descobrir a solução da cura.

Alberto Manuel Quintana analisa como a prática da benzeção se propagou no Brasil. Segundo ele, existem dois tipos de iniciações em relação ao valor pelo qual a benzedeira ou um benzedeiro percebe o seu conhecimento. A primeira é a imitativa, em que a aprendizagem começa através de intermédio com brincadeiras e a criança passa a fazer o mesmo que o adulto faz. A segunda é a aprendizagem por prática mística, em que todos os conhecimentos obtidos pelos benzedeiros vêm de um guia espiritual. O autor reforça ainda que os benzedeiros que passaram a conhecer seu ofício através da prática mística são mais reconhecidos por parte das pessoas que obtém resultado de cura.<sup>8</sup>

No que diz respeito às doenças e à cura, Quintana cita que “a doença é vista como uma irrupção no cotidiano e se manifesta no corpo, impedindo a pessoa de realizar suas

---

<sup>7</sup> ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan.-jun., 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>, acesso em 20 jun. 2022.

<sup>8</sup> QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

tarefas habituais.” Dialogando com outros autores, Quintana diz ainda que “a doença é percebida e representada como algo inexplicável, sem sentido, algo que irrompe no curso normal das coisas”. O autor argumenta ainda a respeito da cura: “a doença é caracterizada pela desordem, falta de significação, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação, uma ressignificação”.<sup>9</sup>

O paciente encontra-se diante de um conjunto de sintomas que não fazem sentido para ele. Será preciso que alguém lhe ajude a construir uma linguagem socialmente aceita, por meio da qual ele possa pensar compreender e experimentar esses sintomas”.<sup>10</sup>

Apesar de ser um estudo feito na cidade de Santo Antonio de Jesus, nos bairros como o Mutum, Má Vida, Barro Vermelho dentre outros, sobre o período de 1970, o autor traz informações que mostram os problemas semelhantes existentes nas comunidades carentes e de migrantes vindos das zonas rurais do Recôncavo Sul da Bahia e outras regiões, reconstruíram suas vidas, redefinindo suas práticas, suas identidades, experiências e suas práticas culturais. Logo, Quintana afirma que essas práticas “de alguma forma, se ‘perpetuaram’ devido à reatualização das tradições que eram processadas no cotidiano da cidade”. A vista disto, para o autor, “a cultura oral foi notadamente importante na ressignificação dada a tais práticas, sobretudo, curativas e religiosas”.<sup>11</sup>

De acordo com Denílson Lessa dos Santos, diversos estudiosos têm como hábito ordenar o conjunto das práticas de cura como “populares”, como uma medicina popular, considerada como algo irracional, atrasado e pré-científico. Já as práticas de cura da medicina formal estão no campo do erudito, do culto e do racional. Nesse sentido, o termo popular foi posto em uso a partir de definição folclórica. Acaba sendo um discurso daqueles que detém uma técnica ligada ao mundo da ciência contra aqueles que possuem uma prática ligada ao mundo religioso.<sup>12</sup>

Durante longo tempo na história do Brasil, as práticas de cura adotadas eram uma forma de resistência das populações que não possuíam o mínimo de assistência. Segundo

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>12</sup> SANTOS, Denílson Lessa dos. **Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas.** Santo Antônio de Jesus - Recôncavo Sul – Bahia (1940- 1980). 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 14.

Santos, “a importância desses curandeiros no âmbito das relações sociais, culturais e de saúde para a população” se dava:

[...] principalmente para aquelas pessoas cujo cotidiano era marcado pelas péssimas condições econômicas, pela falta de assistência médica de qualidade, além de um acentuado nível de subnutrição, carências decorrentes das precárias condições de vida da população, sobretudo da zona rural.<sup>13</sup>

O combate às práticas de cura como a benzeção sempre foi intenso por parte de diferentes instituições e quando o saber médico começou a ampliar-se no território brasileiro, tanto no período da Colônia, quanto do século XIX em diante, a situação se intensificou. Geralmente vários autores preocupam-se em demonstrar a dualidade que marca as ciências médicas oficiais e os saberes considerados populares. A luta travada entre autoridades sanitárias e o empirismo vem sendo documentada por historiadores a partir de vários registros oficiais.

Christiane Maria Cruz de Souza, em sua tese, aborda o quadro da situação da saúde nos sertões da Bahia. Em sua análise, a autora aborda a epidemia de gripe que chegou ao interior baiano após surgir em Salvador no ano de 1918. Segundo sua pesquisa consta que as doenças epidêmicas que chegavam ao interior na Bahia adentravam pelas rotas de navegação marítima e fluvial, pelas ferrovias e estradas.<sup>14</sup>

Eduardo Mendes Vellozo afirma que “nem sempre era por falta de médico que as pessoas recorriam a medicina doméstica, aos serviços de um curandeiro ou aos conselhos do farmacêutico local.” Portanto, o autor diz que “essas práticas representavam um conjunto de saberes criados pela experiência e preservados pela tradição, muito anterior aos conhecimentos da medicina acadêmica”.<sup>15</sup> O que chama a atenção que as pessoas nesse período procuravam ajuda das forças sobrenaturais, dos profissionais que trabalhavam em farmácias e de médicos quando tinha na cidade.

Para reforçar a ideia posta, o autor Fabiano Lucena de Araújo atesta que:

[...] o curandeirismo e as demais, práticas populares de cura, têm encontrado oposição por parte das instituições oficiais, porém, mesmo assim, têm resistido

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 162.

<sup>14</sup> SOUZA, Christiane M. C de. Redes de poder e de solidariedade nos sertões da Bahia em tempos de epidemia. In: CHAVES, Cleide de Lima (Org.). **História da Saúde e das doenças no interior de Bahia: séculos XIX e XX.** Edições UESB. Vitória da Conquista- BA, 2013, p. 43-82.

<sup>15</sup> VELLOZO, Eduardo Mendes. **Relatório da Comissão Federal do Estado da Bahia relativo á saúde pública no município de Itaberaba.** Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Republicana, Secretaria do Interior e da Justiça, Diretoria Geral da Saúde Pública, março, 1912.

de forma muito eficaz nos meios sociais mais diversos, nos quais encontra total credibilidade para seu exercício. Extremamente difundidos e bem quistos, constituíam-se como a única alternativa médica existente, o que por sua vez, justificava-se pela inacessibilidade aos medicamentos – tanto pela deterioração dos medicamentos, importados através das naus portuguesas, culminando em pelos altos preços estipulados pelos boticários e o conhecimento incipiente acerca das moléstias tropicais e seus antídotos, o que veio a ser elucidado, aos poucos, com a associação da farmacopéia dos jesuítas com a dos indígenas.<sup>16</sup>

Márcia Moisés Ribeiro analisa que o Protomedicato, órgão criado em 1782, foi um precursor do que hoje são os departamentos de vigilância sanitária, porém, naquela época, ocupava-se em combater o exercício do curandeirismo e a regularizar o exercício da profissão médica. Antes da vinda da família real ao Brasil, em 1808, não havia escolas de medicina cirúrgica – as mesmas tornaram-se faculdades, em Salvador e no Rio de Janeiro em 1832 – o que salvaguardava as práticas populares a realizarem operações invasivas – vide os cirurgiões-barbeiros e barbeiro-sangradores – e pouco diferenciava os médicos oficiais dos curandeiros, rezadores e demais categorias de agências terapêuticas.<sup>17</sup>

Denílson Lessa dos Santos analisou os conflitos ocorridos nas cidades, vilas e povoados do Recôncavo Sul da Bahia que tiveram as práticas de cura como elemento. Os conflitos eram resultantes da luta pela hegemonia dos métodos adotados pelos médicos, que criticavam os procedimentos utilizados pelos curandeiros, rezadeiros, raizeiros e os benzedeiros. Santos cita o depoimento do raizeiro senhor Antônio Chapéu de Couro, morador da cidade Santo Antônio de Jesus. Suas práticas de cura eram utilizadas diariamente pelas pessoas da comunidade, que se serviam de ervas, chás, beberagens, garrafadas, orações ou rezas e promessas tendo como a finalidade de cortar o mal. Essas receitas eram socializadas por várias camadas sociais da cidade citada, não ficando restrita a sujeitos pertencentes às camadas populares.<sup>18</sup>

Pensando essa relação entre benzedeiros, curandeiros e médicos, em seu trabalho Santos utiliza a expressão “encruzilhadas da cura”, referindo-se a idéia de que muitas vezes os caminhos que poderiam dirigir-se a um ponto comum ou podem se chocar; e de tal forma as alternativas de saberes e práticas de saúde se cruzavam por diferentes interesses. Logo, nestas encruzilhadas da cura os médicos e suas atuações eram desconfiados, como também vários curandeiros, principalmente os que faziam parte do culto doméstico de

---

<sup>16</sup> ARAÚJO, Fabiano Lucena de. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. UFPB, p. 81-97, 2011.

<sup>17</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. Natureza, Doenças e Medicina entre os Séculos 18 e 19. **D. O. Leitura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, n. 02, 2014, p. 64-73.

<sup>18</sup> SANTOS, 2005, p. 84-85.

caboclos ou orixás, considerados como “mal indesejável” em parte do imaginário popular.<sup>19</sup>

Conforme Santos, esses agentes de saberes populares são fundamentais para o campo relacionado à sociedade, à cultura e saúde da comunidade, principalmente para as pessoas que são marcadas em seu cotidiano por não terem assistência médica adequada, péssimas condições econômicas, além de passarem fome, e terem “carências decorrentes das precárias condições de vida da população, sobretudo da zona rural”. Desta maneira, para se manter, havia inúmeras estratégias, uma delas seria “recorrer às fontes milagrosas ou operações mágicas – rezas, benzeções, simpatias, remédios caseiros, promessas e outros.”<sup>20</sup>

Regina Lúcia Félix e Cláudia Goulart fazem uma breve análise sobre o termo benzer: “A partir da palavra “benzer”, trazemos definições sobre esse gênero, com base no que dizem os estudiosos, o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa e os próprios sujeitos da pesquisa.” Ressaltando ainda que: “No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa temos a seguinte conceituação sobre o verbete “benzeção”: 1. “Fazer o sinal da cruz (sobre a pessoa ou coisa), recitando certas fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu; abençoar.” 2. “Fazer benzeduras”; 3. “passar bons fluidos”; 4. “produzir benzimento.”<sup>21</sup>

Félix e Goulart dialogam com outros especialistas que discutem o conceito de benzeção, a exemplo de Núbia de Magalhães Pereira Gomes e Edimilson de Almeida Pereira, com a obra “Assim se benze em Minas Gerais”;<sup>22</sup> e Elda Rizzo de Oliveira e sua obra “O que é benzeção”.<sup>23</sup> Com base em Gomes e Pereira, Regina Lúcia Félix e Cláudia Goulart dizem que benzeção: “é uma prática popular de cura que utiliza de uma linguagem específica, tanto oral como gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas libertar o paciente do mal que o aflige.”<sup>24</sup> Elda Rizzo de Oliveira, por sua vez, segundo as autoras citadas, “conceitua a benzeção como artifícios e estratégias do saber popular, criados e ressignificados pela cultura”.<sup>25</sup>

---

<sup>19</sup> SANTOS, 2005, p. 13.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 162-163.

<sup>21</sup> FELIX, Regina Lúcia e GOULART, Cláudia. O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, vol. 19, 2017, p. 324.

<sup>22</sup> GOMES, Núbia de M. Pereira e PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUF/Mazza Edições, 1989.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>24</sup> FELIX e GOULART, 2017, p. 324.

<sup>25</sup> Ibidem.

Ainda de acordo com Félix e Goulart, os estudos relativos ao estado da arte em benzeção demonstram que “existem várias formas nominais referentes a esse termo, tais como benzedura, benzimento, benção.” Dessa forma, as autoras utilizam o termo discutido acima como um ato de benzer: “A partir da conceituação do verbo “benzer”, podemos perceber a polissemia presente no termo, indicando uma amplitude de práticas sociais que acompanham a sociedade desde tempos remotos.”<sup>26</sup>

Essas práticas estão presentes no cotidiano, por exemplo, quando profissionais de todas as categorias se benzem para serem bem sucedidos na tarefa que vão desempenhar, pessoas que passam por uma cruz ou igreja, ou ainda, diante de uma prova desconhecida, ou de algo temido, geralmente se benzem. É comum pais benzerem filhos, tios benzerem sobrinhos, avós benzerem netos, padrinhos benzerem afilhados, padres benzerem fiéis, porque são, de um modo ou de outro, reconhecidos como alguém imbuído da capacidade e do poder de benzer.<sup>27</sup>

Em relação à benzedura, Quintana a define como:

[...] uma encenação, através da qual se veicula uma linguagem que produz um sentido. Entretanto, para que isso aconteça, seja na benzedura ou noutra terapêutica popular qualquer, a “posta em cena” deve sempre acontecer inserida no dia-a-dia do grupo ao qual pertencem os curadores e sua clientela [...]. Percebemos, então, a existência de uma complementação: a benzedora precisa do reconhecimento do grupo para poder exercer com êxito suas funções. Entretanto, o ritual de cura não está destinado unicamente ao cliente, ele também tem como alvo o seu grupo social, pois cada processo bem-sucedido reforça, por sua vez, o universo simbólico desse grupo.<sup>28</sup>

Dessa forma, de acordo com o autor, através da presença de um complemento, “a benzedora” precisa do reconhecimento do grupo para poder exercer com êxito suas funções. Em relação ao ritual de cura, o autor afirma que “não está destinado unicamente ao cliente, ele também tem como alvo o seu grupo social, pois cada processo bem-sucedido reforça, por sua vez, o universo simbólico desse grupo.” Logo, Quintana atesta que além da eficácia da terapêutica da benzedura que está junto, também existe “uma forma de conceber o corpo e a doença e, mais do que isso, é o próprio pensamento do grupo que está em jogo, uma vez que nessa teia de significados não existe nada que esteja solto, cada fio está amarrado ao conjunto e, ao mesmo tempo que o sustenta, é sustentado por ele”.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> QUINTANA, 1999, p. 49.

<sup>29</sup> Ibidem.

Emanuela Bethânia Santana da Fonseca aborda, em sua dissertação, as práticas de cura em Jacobina, Bahia, afirmando “que as práticas de cura, tanto do corpo quanto do espírito são intrínsecas às religiões afro-brasileiras”. Por conta disso, conforme a autora, “muitos sacerdotes poderiam ser acusados de praticar o curandeirismo, o charlatanismo e a feitiçaria.” Segundo Fonseca ainda, o curandeirismo “desde o fim do século XIX representava uma ameaça à medicina oficial, à idéia de sociedade civilizada e ao progresso”. Logo, a autora argumenta que devido a isso, de acordo com os grupos dominantes, estas práticas, que julgavam como “incivilizadas”, deveriam deixar de existir.<sup>30</sup>

Emanuela Fonseca aborda as práticas domésticas, caracterizando os métodos de curar e de benzer da seguinte forma: “As práticas domésticas de cura em Jacobina, têm como principais sujeitos as benzedoras/rezadeiras, os médiuns curandeiros e curandeiros.” A autora argumenta que estes sujeitos citados “exercem a atividade de benzer, no entanto, quando se fala de rezadeiras, este se constitui o principal e em alguns casos, o único método mágico-religioso empregado para se alcançar a cura de determinadas doenças”. Conforme Fonseca “os médiuns curadores e curandeiros, além de benzer/rezar também podem realizar trabalhos espirituais, sempre com o auxílio dos seus guias”.<sup>31</sup>

Desta maneira, Emanuela Fonseca concorda com Elza Rizzo de Oliveira quando esta autora diz que o ato de benzer pode ser compreendido como:

Abençoar, solidarizando-se, ao mesmo tempo, com os deuses e com os sujeitos socializados. E suplicar aos santos para que eles produzam benefícios concretos aos homens. Pode ser também um cumprimento, às vezes, uma despedida; em outras pode haver um desejo implicitamente contido deste ato. Pode ser ainda um elemento de aglutinação cultural e de fortalecimento das relações sociais. A benção, objeto múltiplo e específico desse ato, o ato de benzer pode possuir um efeito exorcizante e reparador de tragédia.<sup>32</sup>

De acordo com Alaíse dos Santos Conceição, “a benzeção, assim como outras tradições, pensada pelo viés da cultura afro-brasileira e/ou africana está intimamente ligada a palavra falada”. A autora enfatiza que, entre rezadeiras e rezadores, o domínio da palavra

---

<sup>30</sup> FONSECA, Emanuela Bethânia Santana da. **Práticas de Cura e Religiosidade Afro-Brasileiras em Jacobina - BA**. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2017, p. 23-24.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, Cura e Benzedura**: estudo sobre o ofício das benzedoras em Campinas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1983, p. 3, apud FONSECA, 2017, p. 78.

e a importância que esta desempenha ao extirpar as mazelas do corpo e do espírito é algo significativo.<sup>33</sup>

Alaíse Conceição também reflete sobre o poder dos agentes de cura em suas comunidades, argumentando da seguinte forma:

As práticas de cura possibilitam o resguardar de saberes compartilhados coletivamente demarcando um território cultural que concede notoriedade aqueles executores das benzeções. Rezadeiras e rezadores estão localizados em suas comunidades como detentores de saberes, nesse sentido a comunidade concede um espaço de poder específico, em virtude dos conhecimentos que possuem.<sup>34</sup>

A prática de cura torna possível a preservação do conhecimento dividido para a comunidade, marcando um espaço cultural e atribuindo popularidade às pessoas que praticam o ofício da cura que fazem parte da localidade. Segundo a autora, as áreas das práticas permitem o reconhecimento de grupos próximos com experiências e esperanças; este reconhecimento refere-se a uma identificação simbólica de práticas, costumes, devoções.<sup>35</sup>

### **A trajetória de Jucivaldo Francelino do Nascimento**

O agente de cura, apesar de ser perseguido, exercia, e ainda exerce, um papel fundamental, principalmente para aquelas pessoas cujo cotidiano era marcado pelas péssimas condições econômicas, pela falta de acesso à assistência médica de qualidade, além de serem carentes e de apresentarem uma condição de vida incerta, principalmente da zona rural. O senhor Jucivaldo Francelino do Nascimento, nascido no dia 15 de novembro de 1966, em Jacobina, benzedeiro e curandeiro, possui várias experiências navida dele. É filho de pernambucanos: pai Josuel Francelino do Nascimento e mãe Olidina Maria da Conceição (parteira), casado e pai de dois filhos residentes nesta mesma cidade de Jacobina. Passou pouco tempo de sua infância em Ourolândia, no final do ano de 1970, talvez dos seus 13 para 14 anos de idade; o mesmo não recordava a idade exata, logo com essa idade começou a despertar seu “dom” na perspectiva de buscar a desenvolver uma prática religiosa ligada à cura. Quanto ao trabalho formal na cidade, atualmente é

---

<sup>33</sup> CONCEIÇÃO, Alaíse dos Santos. **O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acreditar:** práticas religiosas e culturais nas benzeções. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p. 45.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 104.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 103-104.

funcionário público no cargo de Assistente Técnico, em Jacobina e, em suas horas vagas, exerce a função como a gente de cura e benzedor quando assim procurado por pessoas de Jacobina e de outras cidades.

Durante seu relato, o senhor Jucivaldo Francelino do Nascimento fala da sua trajetória de vida e sobre o despertar do seu “dom”:

Minha benzeção, tenho a partir de... 13, 14 anos de idade, só que como a gente não é reconhecido; primeiramente tem que ser reconhecido pelo terreiro, você tem que fazer o trabalho mais oculto e não pode ser tão divulgado, eu estou divulgando pra seu trabalho, como, é, você me procurou eu não tenho bem conhecimento com você, mais que é muito importante para o seu trabalho, sua matéria, eu vou, é esclarecer alguns pontos positivos para você.<sup>36</sup>

Em seu depoimento, o senhor Nascimento diz porém que foi aos 22 anos de idade deu início efetivamente às práticas de benzer na cidade de Irecê, Bahia. Para ele este método é um “dom” doado por Deus: “É um dom que Deus deu, né? É... dessa idade, aí eu fui mais divulgando, e então algumas coisa a gente faz pra o bem, né? Tem essas linhas, várias linhas de trabalho, mas só que felizmente a gente só faz pelo bem”.<sup>37</sup>

É importante observar que na narrativa do senhor Nascimento a prática curativa e de benzeção é exercida de acordo com cada pessoa, com cada necessidade. Desta forma, ele é procurado para diversos tipos de trabalhos: “cada um vamos dizer: o problema de namoro, casamento, desentendimento, comércio, né, finanças, olho grande, a inveja de um mau vizinho, então tudo isso”.<sup>38</sup> Ele atende no local onde a pessoa mora, deixando claro que não cobra pelo trabalho:

É, é como a gente se interessou nessa prática, não é que a gente se desenvolve esse trabalho, não, a gente sempre ajuda um amigo, uma amiga quando precisa né? Se procurar se paga? Não, gratuitamente a gente faz, é pra ajudar os amigos quando precisa pra livrar até do perigo né? Que possa acontecer, a gente tá disposto a fazer isso, nosso terreiro, nossas pessoas, tá aqui para isso.<sup>39</sup>

Assim como o benzedor Jucivaldo Francelino do Nascimento afirma sobre não cobrar pelo que faz, outros agentes também não cobram. Emanuela Fonseca aborda, em sua dissertação, entrevistas com a benzedora dona Maria Áurea. Conforme Fonseca:

---

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Jucivaldo Francelino do. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 17 de maio de 2019.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Ibidem.

A gratuidade dos serviços oferecidos por estes agentes está diretamente relacionada às suas concepções no que tange o ofício por eles exercido, o qual, a cura se dá por intervenção divina e não por ele, logo não deve ser cobrada. Se a benzedeira colocasse um preço no seu trabalho, ela o estaria desvalorizando, pois ele é algo da ordem do sagrado, que não pode ser medido na ordem do material. Agindo assim, ela estaria misturando fenômenos que correspondem a duas ordens distintas – o sagrado e o profano –, e estaria, confundindo ou contradizendo classificações ideais.<sup>40</sup>

Em sua narrativa, o senhor Jucivaldo Francelino do Nascimento revela como assumiu o seu papel de benzedeiro e curandeiro na cidade de Jacobina. Sobre pessoas que atendeu, diz que os que tiveram sua ajuda, alguns foram embora, outros já faleceram. Sobre a relação da função que exercem os agentes de cura, percebe-se que nem todos os curandeiros e benzedeiros seguem somente a prática de cura. O benzedeiro cita que se iniciou através da leitura de pensamento de algumas pessoas que o procurava, afirmando da seguinte forma:

Essa iniciação, a partir dessa idade que tou te dizendo então a gente começou a ler algum pensamento de alguma pessoa, né? Então, alguma coisa que tiver que acontecer pra frente com a pessoa procurando a gente vai saber e várias pessoa que, que já tivemos um trabalho, é, é, é foram os causos foram positivos.<sup>41</sup>

Sobre a duração de benzimento, essa é no mínimo dez minutos ou a depender da causa que a pessoa pede para ser resolvida como exemplo: O problema quem tem olhado, inveja, traição, perigo, etc. O ritual é feito em domicílio ou a distância pelo fato de realizar outra função e que só faz para ajudar quem necessita sem cobrar nada.

Em continuidade da entrevista, o senhor Jucivaldo Francelino fala sobre a relação dele com a sua família pelo fato de ser benzedeiro. O mesmo afirma que sua avó era parteira e tinha o “dom” de rezar para as pessoas que a procuravam. “Ela atendeu todas as pessoas que procurava ela, com criança com qualquer tipo de doença ela para rezava muito, morreu com 110 anos”.<sup>42</sup>

Percebe-se que a prática de benzeção do senhor Jucivaldo Francelino do Nascimento é semelhante às práticas exercidas por alguns agentes. A sua forma de benzer pode ser através de ramos ou com sinais utilizados com as mãos, fazendo o sinal da cruz. O benzedor reza em voz baixa. Ao ser benzida a pessoa fica de olhos fechados, cabeça baixa,

---

<sup>40</sup> FONSECA, 2017, p. 84.

<sup>41</sup> NASCIMENTO, 2019.

<sup>42</sup> NASCIMENTO, 2019.

algumas ficam em pé, outras sentadas. O benzedor relata que ao realizar o ritual com a pessoa dentro de casa a porta tem que estar aberta, para assim as energias negativas saírem.

É interessante ainda que estes exercícios sejam realizados comumente por esses agentes, como destaca Denilson Lessa dos Santos. Muitas pessoas acometidas de alguma doença procuravam se tratar com diversas práticas de cura, como hábitos que até hoje utilizam folhas, garrafadas, rezas, ervas, e outras maneiras com o objetivo de obter a cura.<sup>43</sup> Conforme ainda Santos, no processo de iniciação das práticas de cura, é comum o relato sobre “visões”, consideradas pelas pessoas que as obtinham ou pelos seus familiares e vizinhos “como um sinal de uma escolha divina” e, normalmente, os escolhidos eram enviados a outro curandeiro, benzedor já vivido, rezadeira, pais, ou mães de santos relacionados aos cultos de caboclos e orixás para serem principiantes.<sup>44</sup>

O benzedor e curandeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento, discorre sobre o reconhecimento da prática de cura e benzimento e sobre como o exercício da prática é liberada pelo seu “guia espiritual”.<sup>45</sup>

É, como te falei e volto a e falar e torno e repetir, a gente não tem uma prática, porque a gente não é reconhecido você tem que ser liberado pelo chefe superior. Mas a gente sim, a gente socorre a pessoa quando precisa com reza, pra livrar de alguma coisa com trabalho a gente faz, não pro mal, só para o bem.<sup>46</sup>

Um ponto importante existente entre os benzedores e rezadores em comum, trata-se que ao rezar ou benzer eles realizam o ritual com a porta aberta, o horário da manhã e antes do pôr do sol e depois também depende do dia, pois são orientados pelos seus guias espirituais sobre o momento certo de realizar a prática. Segundo o benzedor, a religião católica e o benzedor são as mesmas religiões, são da mesma igreja e o mesmo padre.

Só que a gente tem o superior da gente que é o Exu, que a gente socorrer ele quando a gente precisa, ele que vem a gente, é, ele que ver a desperte atividade, o que pode acontecer. A gente pode tá dormindo e se assustar na hora que vai acontecer alguma coisa amanhã ou depois com a pessoa e pode acontecer, não tive conflito.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> SANTOS, 2005, p. 11.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>45</sup> Um **Espírito-Guia** que o acompanha e determina como decidir o que fazer e dá as ordens.

<sup>46</sup> NASCIMENTO, 2019.

<sup>47</sup> Ibidem.

Nas palavras narradas acima pelo benzedeiro e curandeiro Jucivaldo Nascimento estão presentes duas vertentes entre a sua religião Católica e a religião Umbanda; o mesmo ainda atesta não ter terreiro. “Eu mesmo sou católico, minha Santa está ao lado, pra você ver, e conhecer Nossa Senhora das Graças, tenho Santo Expedito, São Benedito e o Anjo Arcanjo”.<sup>48</sup>



**Figura 1: Imagens de Nossa das Graças, São Benedito e Anjo São Rafael de Jucivaldo Francelino do Nascimento.** Fotografia: Carla Santos da Silva, 2020.

Em comparação com Jucivaldo Francelino do Nascimento, o curador Élico Thiago, 34 anos, segue duas religiões, a Católica e a Umbanda. Técnico de enfermagem, exerce ainda a função de pai de santo, atendendo todas as pessoas, de religiões diferentes, como católicas e evangélicas. Assim como outros agentes, sua consulta não é cobrada. Para o

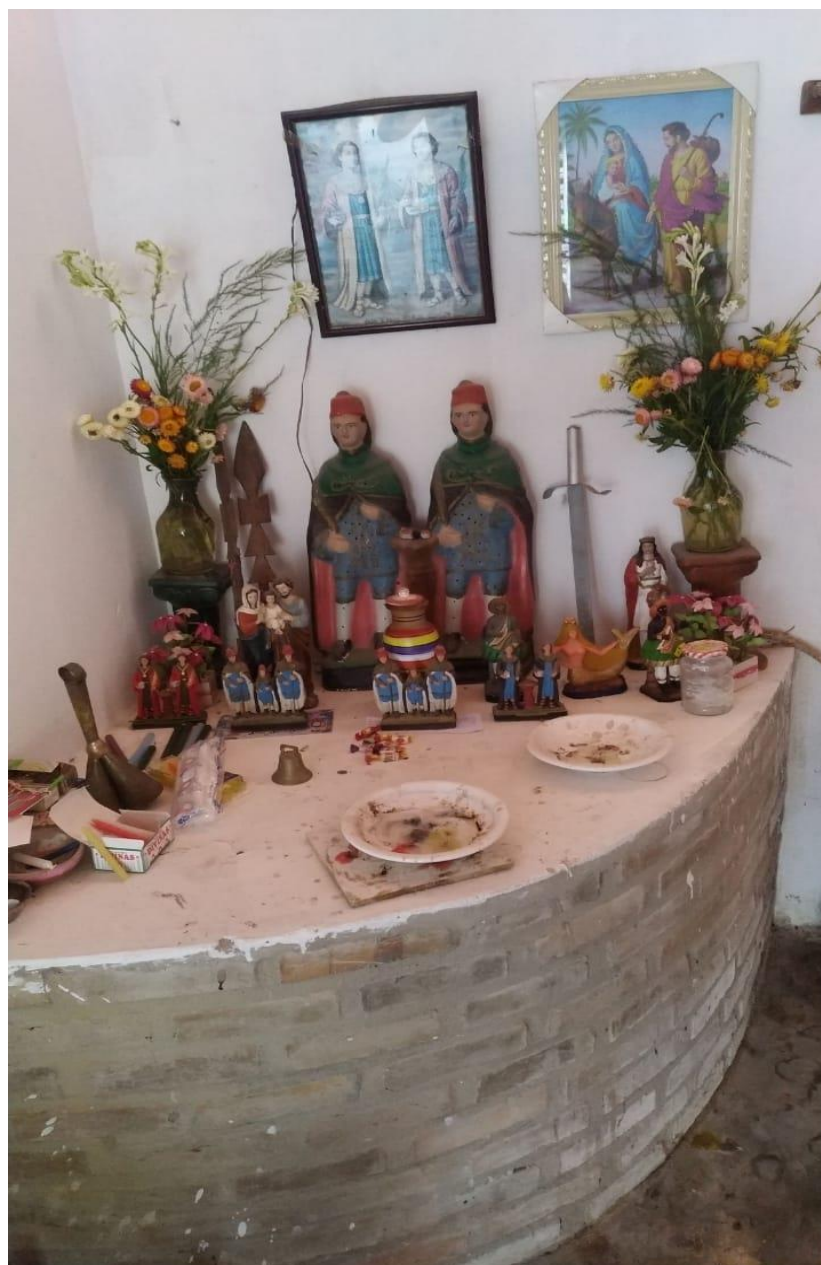
---

<sup>48</sup> Ibidem.

curador e pai de santo, a Umbanda é “um pé no umbandismo e um pé no catolicismo”. Em sua definição, a Umbanda é uma religião que tem a mistura entre um pouco do catolicismo e um pouco do Candomblé e um pouco de espiritismo.



**Figura 2:** Altar onde são realizadas as benzeções por Élico Thiago.  
Fotografia: Carla Santos da Silva, 2020.



**Figura 3:** Altar onde são realizadas as benzeções por Élico Thiago.  
Fotografia: Carla Santos da Silva, 2020.



**Figura 4: Imagem da Santa Bárbara de Élico Thiago.** Fotografia: Carla Santos da Silva, 2020.

Ainda em sua fala, o curandeiro Élico Thiago atesta que na Umbanda existe a prática de benzeção e defende que a mesma é uma religião bonita, porém hoje em dia é discriminada, salientando que isso se dá devido aos evangélicos, que colocam coisas nas cabeças das pessoas. “Antigamente via-se em cada rua, esquina, tinha um benzedor; pessoas com dor de barriga, dor de cabeça recorriam a eles”. Referindo-se ao preconceito, diz que “ainda existem muitos conflitos entre a matriz africana e o benzimento com os protestantes”. Sobre a medicina e a benzeção, mostra que ambas que são importantes: “as

duas finalidades, entre o médico e o benzedor, não pode ir somente ao benzedor e esquecer a parte médica, um complementa o outro”<sup>49</sup>.

### **Percepções locais sobre benzeção e práticas de cura**

Lançou-se mão dos métodos que pertencem a pesquisa oral, e no sentido assim denominado de História Social da Cultura, utilizando depoimentos fornecidos por pessoas de religiões distintas: católicos, evangélicos e umbandistas, todos narram suas concepções e hábitos vivenciados. A importância da narrativa destas contribui com a construção da personagem pública, que são os agentes de cura, que sofrem preconceitos na sociedade e aos poucos estão sendo reconhecidos, despertando, desta forma, a valorização de suas práticas.

A partir da entrevista concedida pelo senhor Jucivaldo Francelino do Nascimento, através de sua trajetória analisada, foi utilizada uma entrevista estruturada por meio de questionamentos abertos, deixando, desta forma, os entrevistados à vontade. Vale salientar que estas pessoas entrevistadas afirmam não conhecer o benzedor Jucivaldo Francelino do Nascimento, mas algumas vivenciaram e conheceram outros agentes de cura e benzeção.

Na sua narrativa, a senhora Dalila Clara Mota, evangélica da Igreja Universal do Reino de Deus, 55 anos, discorre sobre a prática da cura dizendo que cada um tem o seu modo de pensar, de agir ou de crê. Segundo ela, trata-se de uma crença. Em descrição, a senhora Dalila Mota afirma: “eu fui criada na igreja, tive um tempo fora, mas nunca fui em casa de benzer, mas já vi na televisão”. Na sua fala, percebe-se que mesmo sendo evangélica a mesma acredita que benzer é um ato de oração, reza. Diante disso, para assim melhorar a compreensão questiona o que diz a Bíblia, o que está escrito: “onde está a tua fé?” Então é a fé, “eu acho que a benzeção é um ato de oração, reza, oração é a mesma coisa”. Na sua concepção, rezar ou orar para uma pessoa, ela é curada, recebe a benção; “então, se você vai para um lugar pra benzer, porque ela crê e procurou porque ela crê. De repente ela recebe a cura por aquilo que ela vai procurar”. Mas também ao mesmo tempo afirma não acreditar pelo fato de ter sido criada de forma diferente. Não considera chegar a um determinado lugar e a pessoa benzer; no seu ponto de vista:

---

<sup>49</sup> THIAGO, Élico. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva, Jacobina, 29 de dezembro de 2020.

Aquela pessoa que foi criada já benzendo vai criar uma requisição e aquela que também foi benzida pode procurar uma oração. A gente que é crente diz: vamos procurar outro Deus, é difícil eu explicar, fé, tantas pessoas pedem para eu orar. Jesus é uma pessoa que na Bíblia não existe benzeção, né? Falar em oração, parte de cura os milagres de Cristo, só Jesus usava a fé.<sup>50</sup>

Outra moradora, evangélica da Igreja Salão do Reino Testemunha de Jeová, a senhora Dalva Mendes dos Santos, 74 anos, atesta não acreditar na prática de benzeção. Para ela, a cura vem através dos poderes e com a ajuda de Deus, expressando isso da seguinte forma:

Ainda é tanta pessoa que tem doença aí e diz que vai no médico e fica bom. Eu só acredito na medicina, no médico, mas isso para curar uma pessoa acho que não. A mão de Deus cura, agora, de reza e benzeção eu não acredito, porque já ouvi muita gente ficar doente assim, gente benzer e não dava certo e tinha que ir no médico, porque a medicina hoje não está curando mais a gente, quem dirá a benzeção?<sup>51</sup>

Ronaldo Nascimento Santos, protestante da Igreja Assembléia Universal do Reino de Deus, relata não conhecer muito a prática de cura. Por volta do ano 1987, aos 10 anos de idade, quando morava na roça, recorda que sua avó e alguns parentes faziam e também uma vizinha benzia: “não tenho opinião técnica, nem quanto praticante, apenas enquanto observador”. Afirma ainda não ter nenhum problema, nem discriminação, quanto à prática, apesar de nunca ter feito por conta de sua religião. Diz que prega outra doutrina, onde procura mais acreditar no Cristo e suas ações a partir da Bíblia e tudo aquilo que está dentro da expectativa da Bíblia a gente acaba tornando uma doutrina. Por conta disso, a sua religião não tem essa prática de benzer, mas o contrário outra prática que é unguir com óleo que é muito parecida.<sup>52</sup>

Para ele, a unção com o óleo, que está na Bíblia, é quando os pastores devem unguir seus membros, para que eles possam receber uma benção ou alguma cura. Segundo o senhor Ronaldo Nascimento Santos, a benzeção vai com a mesma área, só que é feita com ramo, com galhos de árvores que não é qualquer um, deve ser específico, e uma série de orações que vem logo depois disso. Então assim, “eu vejo como uma ramificação da religião, a qual há escolha que pessoas seguem e outras não”.

---

<sup>50</sup> MOTA, Dalila Clara. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto de 2019.

<sup>51</sup> SANTOS, Dalva Mendes dos. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina 6 de agosto de 2019.

<sup>52</sup> SANTOS, Ronaldo Nascimento. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto 2019.

Para mim, ela é uma religião qualquer, cabe a cada um decidir o que deseja para ver se lhe agrada ou se está dentro da sua concepção ideológica; é concepção de vida, moral, não vejo nenhum problema até porque, nós somos seres biológicos e cada um tem opção de escolher é, no que acreditar, né?.<sup>53</sup>

Ronaldo Nascimento atesta ainda que, “cabe a nós é respeitar os praticantes da religião, eu nem sei se benzedeiro é uma religião, porque assim, a vizinha de minha avó era benzedeira”. Mas o mesmo alega não conhecer e nunca ter visto esta vizinha. Segundo seu relato, a sua avó andava em igreja católica e evangélica e o levava para assistir os cultos realizados na roça.<sup>54</sup>

Ainda no que concerne à atividade exercida pelos agentes de cura e benzeção, além de sua relevância, padre Josef Hehenberger relata em sua entrevista os motivos pelos quais a comunidade recorria aos curandeiros ou benzedeiros. Um dos motivos era não ter condições financeiras ou ainda que as pessoas optavam por não ir ao médico porque não eram ouvidas e nem examinadas. No seu ponto de vista: “É preciso de uma pequena correção a respeito da prática exercida pelos agentes e em relação de como o homem é curado”. E continua: “a gente concentra tudo em cima do médico, do hospital e também em atendimento, assim diretamente muito especializado isto não é necessário”; salienta ainda que “o homem se cura quando ele mesmo observa a si mesmo”.<sup>55</sup>

Padre Hehenberger insiste que nem sempre é preciso ir ao médico, mas que devemos ter conhecimentos essenciais e básicos nas nossas vidas, salientando ainda que seu pai já utilizou barro para curar machucados atestando este ato ser uma prática familiar.

Quando você tem uma ferida, tropeça e machuca a perna então, ele colocava barro; como também a nossa prática é com outra situação onde a gente pode se ajudar, porque nossos hospitais têm uma fila enorme, nem todos são urgentes, as pessoas podem ajudar em casa com o vizinho.<sup>56</sup>

Sobre a prática de benzeção, ele diz que conheceu alguns agentes de cura e benzedores. Conforme seu relato:

Eu conheci Adolfo que morava no Cocho de Fora, e ele, muita gente correu para ele e tinha realmente curado as pessoas pobres com a benção. Eu não falei com ninguém que foi realmente tratado por ele, mas o povo falava. Adolfo tinha uma liderança muito forte, o povo respeitava muito ele e para ser tratado eu acredito que a oração que se invoca, realmente haveria a entidade que ele invoca, o

---

<sup>53</sup> Ibidem.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> HEHENBERGER, Josef (conhecido por padre José). Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto de 2019.

<sup>56</sup> Ibidem.

chamava o candomblé e esse foi mais ou menos o contato que eu tive, eu tive respeito à liderança e a fé dele, foi autêntico. A cura existe porque, Deus ajuda as pessoas mais pobres e, para nós, pobres bons não chegam os médicos porque não tinha, chega o vizinho.<sup>57</sup>

Quanto à sua concepção em questão das religiões dos agentes de cura, se seguem ou não uma religião, e qual a importância deles na sociedade, padre Hehenberger argumenta: “Eu acredito, os que eu conheci assim, de longe, eram homens religiosos que fazem o nome de Deus de ajudar o povo, porque, o povo também tem necessidade e os que não tem condições para os hospitais”. Ainda sobre os hospitais ele insiste que “a instituição é importante”; porém reflete: “eu tenho um mal estar já corro para o médico, não precisa correr para o médico, eu preciso me questionar o que comi, o que fiz e onde me estressei”.<sup>58</sup>

### **Considerações finais**

O presente trabalho analisou práticas de cura e de benzer na cidade de Jacobina, Bahia, partindo da atuação do benzedeiro Jucivaldo Francelino do Nascimento, bem como dos relatos de outros moradores da localidade que viveram no período pesquisado ou que trazem consigo heranças diversas.

Métodos empregados, dúvidas subsidiadas por intermédio da memória e da história oral, foram aqui descritos, uma vez utilizados por distintos agentes. Para os adeptos, as práticas de benzeção tem a função de recuperar a saúde das pessoas necessitadas e livrá-las do perigo. É pertinente destacar que tais usos estão sendo menos vistos de forma marginalizada, quebrando em contrapartida preconceitos; por exemplo, há trabalhos como este que busca compreender o exercício de benzeção e enaltecer o seu valor cultural, bem como ressalta a importância da sua perpetuação.

Com base nos dados coletados no presente trabalho, é possível constatar algumas realizações como exemplo de pessoas que colaboraram juntamente com a história oral, trazendo suas vidas, trazendo de volta suas experiências passadas. Os dados apresentados foram frutos de um seguimento de entrevistas e buscas de informações sobre elementos fundamentais que instigam a curiosidade de entender a história e vida desses sujeitos que são recriminados, passam por preconceitos e são marginalizados.

---

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> Ibidem.

Mesmo diante de alguns entraves, foram obtidos grandes aprendizados tanto teóricos quanto práticos, a exemplo de autores que contribuíram trazendo fontes essenciais que abordam sobre o tema pesquisado; e personagens e narrativas que enriquecem os valores e a identidade de uma comunidade da sociedade jacobinense. É notório que alguns grupos ainda possuem conhecimentos fortes e mantêm seu passado valioso respeitando suas tradições, costumes. Mesmo existindo conflitos entre outras religiões, os benzedeiros e benzedoiras são bem procurados e considerados como “detentores do saberes”.

Nesta pesquisa busquei compreender sobre a atuação de determinadas personagens que resgatam hábitos, costumes, mantendo-os vivos. Por meio de pesquisas e novas descobertas, a história oral desempenha um papel fundamental de trazer esses sujeitos ainda pouco estudados, resgatando a memória daqueles que seguem e mantêm seus valores e conhecimentos vivos e sendo reconhecidos pela comunidade; é uma forma de contribuição na cooperação de recuperar a memória esquecida.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Orais

HEHENBERGER, Josef (conhecido por padre José). Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto de 2019.

MOTA, Dalila Clara. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto de 2019.

NASCIMENTO, Jucivaldo Francelino do. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 17 de maio de 2019.

SANTOS, Dalva Mendes dos. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto de 2019.

SANTOS, Ronaldo Nascimento. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva. Jacobina, 6 de agosto 2019.

THIAGO, Élico. Entrevista concedida a Carla Santos da Silva, Jacobina, 29 de dezembro de 2020.

### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan.-jun., 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>, acesso em 20 jun. 2022.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. UFPB, p. 81-97, 2011.

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas**: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina-Ba (1930-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CONCEIÇÃO, Alaíse dos Santos. **O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acreditar**: práticas religiosas e culturais nas benzeções. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

\_\_\_\_\_. **“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”**: Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul

da Bahia (1950-1970). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, 6 (2003) p. 9-25, p. 23. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>, acesso em 20 jun. 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Org.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Osvaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000.

FONSECA, Emanuela Bethânia Santana da. **Práticas de Cura e Religiosidade Afro-Brasileiras em Jacobina - BA**. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2017.

FELIX, Regina Lúcia e GOULART, Cláudia. O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, vol. 19, 2017.

GOMES, Núbia de M. Pereira e PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUF/Mazza Edições, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: UNICAMP, 1992.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual da benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Doença, Cura e Benzedura: estudo sobre o ofício das benzedadeiras em Campinas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1983.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 1-15. 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>, acesso em 20 jun. 2022.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas - FGV, p. 2-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>, acesso em 20 jun. 2022.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. (tradução Ricardo Santhiago). São Paulo: Letras e Voz, 2016.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, Márcia Moisés. Natureza, Doenças e Medicina entre os Séculos 18 e 19. **D. O. Leitura**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, n. 02, 2014.

SANTOS, Denílson Lessa dos. **Nas encruzilhadas da cura:** crenças, saberes e diferentes práticas curativas. Santo Antônio de Jesus - Recôncavo Sul – Bahia (1940- 1980). 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, Christiane M. C de. Redes de poder e de solidariedade nos sertões da Bahia em tempos de epidemia. In: CHAVES, Cleide de Lima (Org.). **História da Saúde e das doenças no interior de Bahia:** séculos XIX e XX. Edições UESB. Vitória da Conquista-BA, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VELLOZO, Eduardo Mendes. **Relatório da Comissão Federal do Estado da Bahia relativo á saúde pública no município de Itaberaba.** Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Republicana, Secretaria do Interior e da Justiça, Diretoria Geral da Saúde Pública, março, 1912.